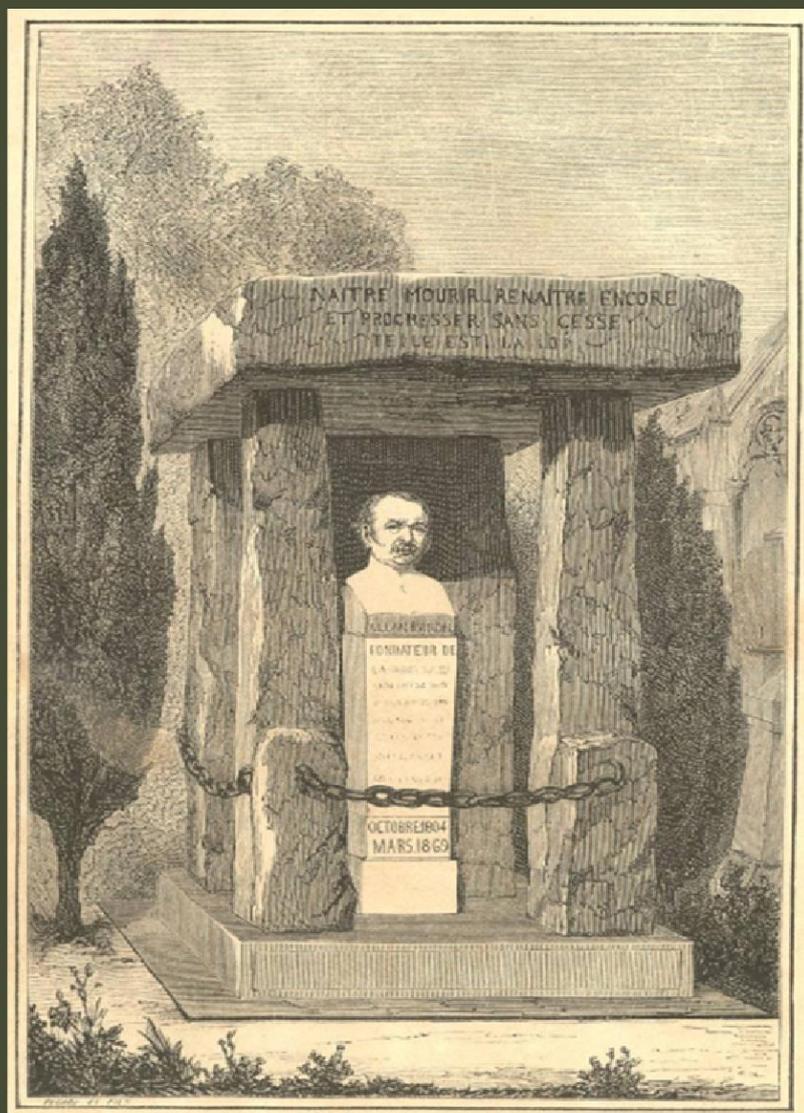


LIVRARIA ESPÍRITA

DISCURSOS PRONUNCIADOS NO ANIVERSÁRIO DA MORTE DE ALLAN KARDEC

Inauguração do Monumento



Autores Espíritos Clássicos



www.luzespirita.org.br

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

**DISCURSOS PRONUNCIADOS NO ANIVERSÁRIO
DA MORTE ALLAN KARDEC
Inauguração do Monumento**

Livraria Espírita

Original em francês, de 1870:

***Discours Prononcés Pour l'Anniversaire de la
Mort d'Allan Kardec
Inauguration du Monument***

Obra disponível na Biblioteca Virtual da
Federação Espírita do Paraná

Tradução: **Carla Cristina Duarte Costa**

Prefácio: **Antonio Cesar Perri de Carvalho**

Revisão: **Irmãos W. e Ery Lopes**

Formatação: **Ery Lopes**

Versão digitalizada:

© 2020

Distribuição gratuita:

***Portal Luz Espírita
Autores Espíritas Clássicos***

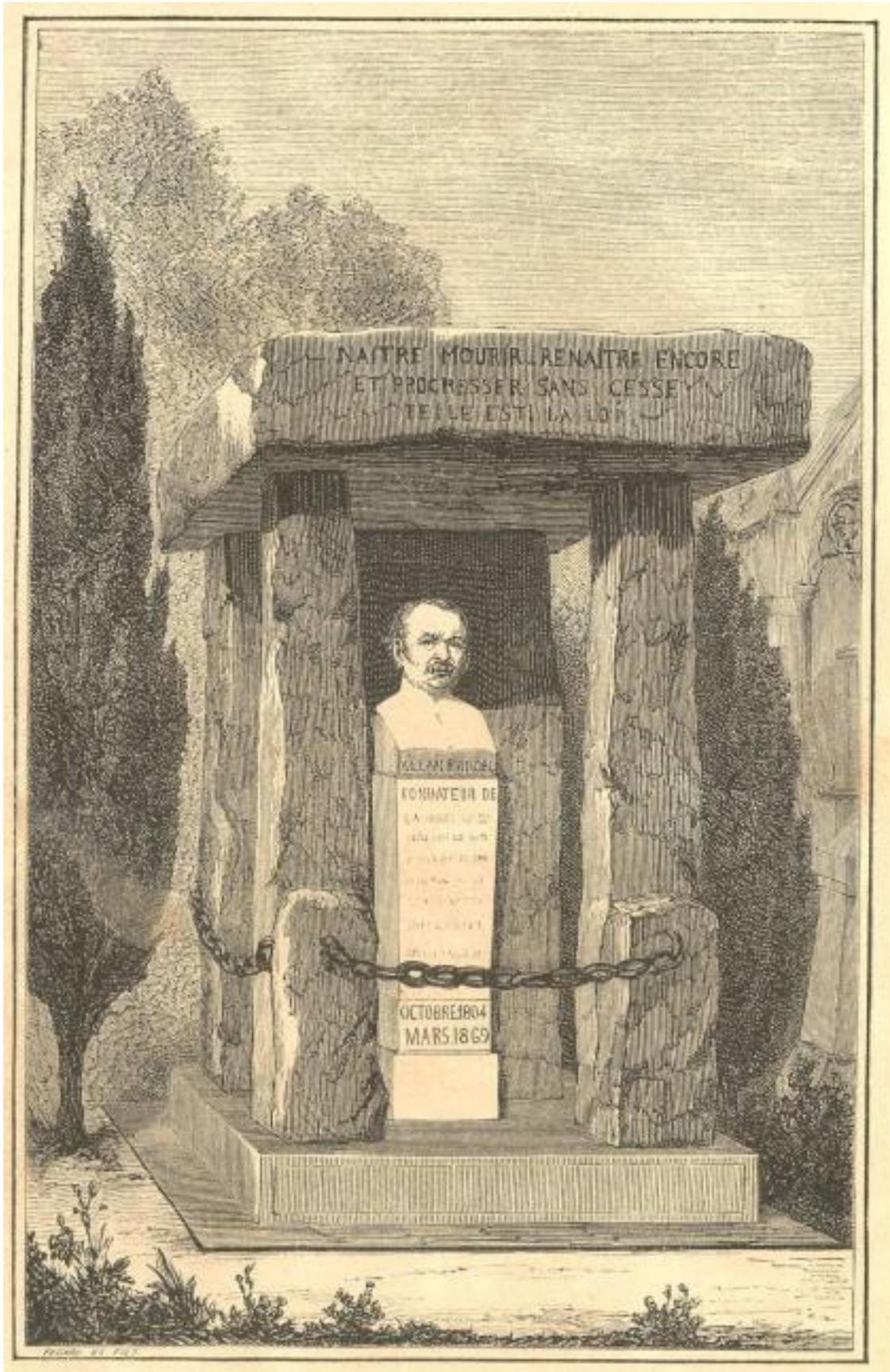
DISCURSOS
PRONUNCIADOS
NO ANIVERSÁRIO
DA MORTE DE
ALLAN KARDEC

INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO

PARIS
A LIVRARIA ESPÍRITA
RUA DE LILLE, N° 7

1870

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



MONUMENTO A ALLAN KARDEC
Inaugurado em 31 de março de 1870

ÍNDICE

Prefácio — pág. 6

Inauguração do Monumento de Allan Kardec - Introdução — pág. 10

Correspondências

Carta do Sr. Vanderyst, de Spa (Bélgica) — pág. 15

Carta de Alexandre Delanne — pág. 18

Discursos pronunciados no aniversário da morte de Allan Kardec

Em nome da família e dos amigos, Por Sr. Levent — pág. 23

O homem é espírito é matéria – Por Sr. Desliens — pág. 25

O Espiritismo na Antiguidade – Por Sr. Leymarie — pág. 33

Em nome de espíritas dos centros distantes, Por Sr. Guilbet
(Presidente da Sociedade Espírita de Rouen) — pág. 37

Resposta do espírito de Allan Kardec

Os Monumentos da Antiguidade — pág. 40

Anexos

Descoberta do local da tumba provisória de Allan Kardec — pág. 44

Roteiro Histórico Espírita em Paris — pág. 48

Catalogue Raisonné des ouvrages pouvant server à fonder une
bibliothèque spirite — pág. 56

PREFÁCIO

A obra traduzida para o português, *Inauguração do monumento de Allan Kardec*, é importante documento histórico.

A disponibilização do notável registro torna-se importante para que os espíritas vinculados ao idioma português, de épocas mais recentes e do futuro, possam conhecer fatos relacionados com os desdobramentos imediatos após a desencarnação do Codificador.

A pequena obra traz informações sobre o traslado dos restos mortais de Kardec originalmente sepultados no Cemitério de Montmartre, a seleção do terreno e a edificação do dólmen no Cemitério de Père-Lachaise e a confecção do busto assinado pelo artista Capellaro. No dia da inauguração do monumento – 31 de março de 1870 – ocorreram manifestações de lideranças espíritas, registradas no livro, e que também reproduz as correspondências que foram enviadas por amigos e líderes que não puderam comparecer.

Os protagonistas da inauguração do monumento em homenagem a Kardec não poderiam imaginar que um século depois este seria um marco histórico e turístico na capital francesa.

A primeira vez que visitamos o dólmen no Cemitério de Père-Lachaise foi em maio de 1971. Na portaria do Cemitério, pedimos

informações e um funcionário nos forneceu um mapa impresso com a indicação da localização do túmulo. Ao chegarmos à esquina destacada onde está o dólmen, ficamos impressionados com a quantidade de flores frescas que o adornavam. Numa segunda oportunidade, em setembro de 1973, juntamente com nossa esposa, utilizamos mais tempo para verificações e constatamos que o túmulo já fazia parte de visitas turísticas, de grupos de história da arte e de simpatizantes do vulto Kardec, independentemente de serem espíritas. Na mesma estada encontramos em livrarias parisienses muitos livros ricamente ilustrados focalizando a arte dos túmulos do histórico Cemitério Père-Lachaise.

Ao retornar ao Brasil, escrevemos artigo para a *Revista Internacional de Espiritismo*, com fotos da visita ao túmulo de Kardec.¹ Aliás, a prática da divulgação dessas fotos tornou-se cada vez mais comum entre os espíritas que viajam a Paris.

Em vários momentos retornamos ao Cemitério parisiense levando parentes e amigos para a visita desejada por muitos. Muitas vezes ali encontramos outros visitantes franceses e de outros países. Nem todos eram espíritas, alguns vinculados a práticas mediúnicas ou espiritualistas em geral, mas demonstravam respeito pelo vulto Kardec. Alguns visitantes também relatavam alguma ideia de busca de cura.

Numa dessas visitas no 1º semestre de 2004, chegamos bem cedo, logo que o Cemitério abriu, e ao nos aproximarmos do túmulo de Kardec, lá estava uma senhora idosa trocando as flores que adornam o monumento. De imediato, pedimos licença e iniciamos um diálogo com ela. Tratava-se da sra. Antoinette Bastide e ela nos informou que há mais de 20 anos

¹ Carvalho, Antonio Cesar Perri. Anotações de viagem, em *Revista internacional de espiritismo*. Dezembro de 1973. N.11. P. 327-331.

espontaneamente assumiu esse encargo diário e dando prosseguimento a compromisso iniciado por uma senhora, já desencarnada, que durante quase 30 anos adotava a prática de renovação de flores em gratidão porque teria sido beneficiada por uma cura. Nossa entrevistada, a sra. Bastide declarou que conhecia as obras de Kardec.²

Historicamente, os espíritas franceses faziam cerimônias em homenagem a Allan Kardec, na data de sua desencarnação, 31 de março.

Estas foram retomadas após a 2ª Guerra Mundial e com a reorganização do movimento espírita francês.

Em reuniões efetivadas em Paris pelo então novel Conselho Espírita Internacional, em 1997, houve uma visita de dirigentes espíritas de vários países ao túmulo. O episódio se repetiu durante a realização do 4º Congresso Espírita Mundial, promovido por este Conselho, em outubro de 2004, com o objetivo de se comemorar o Bicentenário do nascimento de Allan Kardec. Muitas caravanas de espíritas de várias partes do mundo estiveram no citado túmulo, inclusive para uma delas atuamos como cicerone.

Desde 2017 a *Fédération Spirite Française* tem realizado anualmente uma comemoração do aniversário da desencarnação de Allan Kardec, no cemitério do Père-Lachaise em Paris. O evento é denominado “*Journée Allan Kardec*”, com uma cerimônia junto ao túmulo e depois um encontro em um auditório com conferências e trocas de ideias entre os participantes.

Neste texto não discutimos a visão espírita sobre o valor ou não da visita a túmulos. Destacamos o fato que na atualidade o

² Carvalho, Antonio Cesar Perri. Nos passos de Kardec. *Reformador*. Ano 122. No. 2107. Outubro de 2014. P. 368-370. Este artigo foi traduzido e publicado, simultaneamente, no 4º trimestre de 2004, em periódicos do CEI, em francês: *La Revue spirite*; em esperanto: *Spiritisma revuo*; em espanhol: *La revista espírita*; em inglês: *The spiritist review*.

túmulo do Codificador é um local histórico e objeto de atenção de simpatizantes das ideias espíritas de várias partes do mundo e do turismo e estudos de pessoas vinculadas à arte funerária.

Evidentemente que a maior homenagem, em qualquer parte, será sempre a valorização da obra de Allan Kardec.

Quiçá alguns visitantes do túmulo de Kardec e os leitores da presente obra possam reforçar o interesse pela monumental obra que nos legou o Codificador do Espiritismo e também pela história do movimento espírita.

São Paulo, 27 de março de 2020.

Antonio Cesar Perri de Carvalho

Foi presidente da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, da Federação Espírita Brasileira e membro da Comissão Executiva do Conselho Espírita Internacional.

INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO DE ALLAN KARDEC

INTRODUÇÃO

No dia 31 de março de 1870, por volta das duas horas da tarde, um grande número de espíritas, recolhidos e emocionados, se reuniram no Cemitério Père-Lachaise³, em volta do monumento erguido para honrar a memória imperecível do eminente fundador da filosofia espírita. Os transeuntes se detinham atônitos mediante essa edificação de imponente simplicidade, falando aos olhos e à alma, a linguagem dos séculos desaparecidos, evocando as lembranças de antigas gerações que consagraram, pelos seus cultos e por suas sepulturas, as crenças reencontradas pelo Espiritismo moderno.

Desde que a forma do monumento foi definitivamente decidida (*um dólmen*⁴ composto de três pedras verticais de granito bruto, soerguido de uma quarta pedra tabular e

³ 44ª Divisão.

⁴ Ver a gravura na página 4.

repousando um pouco obliquamente sobre as três primeiras⁵), a comissão encarregada pela Sra. Allan Kardec de dirigir os trabalhos, esforçaram-se para acelerar sua execução, de maneira a fazer coincidir o aniversário de morte do mestre com a inauguração do monumento.

O terreno escolhido, situado ao ângulo de duas alamedas, está à uma altitude de onde se domina a vista do inteiro campo de repouso, e foi admiravelmente propício ao objetivo proposto.

As providências necessárias para sua aquisição, a extração dos blocos de pedra, totalizam um peso superior a 30 toneladas, a construção de um jazigo bastante sólido para suportar semelhante massa, a execução do busto, confiada ao renomado talento do Sr. Capellaro (ver a Revista Espírita de janeiro 1870), tudo isso tomava um tempo considerável; e a comissão se encontrava às vésperas da inauguração sem ter a certeza que tudo estaria concluído no dia marcado. A exumação e o traslado do corpo não poderiam ser feitos antes de 29 de março e, na manhã do dia 31, a pedra tabular superior, pesando seis toneladas, ainda jazia no chão, em consequência de uma falsa manobra dos operários, que colocavam tudo em questão.

Entretanto, na hora marcada, o dólmen estava definitivamente construído, o busto de Allan Kardec repousava sobre o pedestal de granito e, apesar dos andaimes ainda pelos arredores, os espíritas que vindos para saudar as cinzas do mestre, podiam admirar, em todo o seu original esplendor, o símbolo indestrutível da eternidade dos princípios ensinados pelo Espiritismo.

Ainda faltam as inscrições: elas serão gravadas depois. Todos os dias, os visitantes, que a lembrança dos amigos desaparecidos

⁵ Os dólmenes são monumentos funerários pré-históricos, caracterizados por duas ou mais pedras verticais altas que sustentam uma maior, horizontal, formando assim uma câmara sepulcral.

atrai à vasta necrópole, são despertados pela curiosidade, se detêm para meditar sobre o sentido e se entregam como que arrependidos, surpresos pelas ideias de um futuro de esperança que elas fazem nascer dentro de seus espíritos.

Isso é o que de fato constitui toda a Doutrina Espírita, e o pensamento inscrito sobre a pedra, ao atrair os olhares, penetra profundamente dentro da inteligência, como uma verdade inegável.

No pedestal do busto lê-se:

ALLAN KARDEC

Fundador da filosofia espírita

Mais abaixo, a epígrafe da *Revista Espírita*:

Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente. O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.

Qual demonstração mais concisa e mais conclusiva poderíamos dar da existência e da grandeza de Deus?

Enfim, as datas do nascimento e da morte:

31 outubro 1804,

31 março 1869

Sobre o lado anterior da pedra tabular superior, lê-se:

NASCER, MORRER, RENASCER NOVAMENTE

E PROGREDIR SEM CESSAR:

ESTA É A LEI.

A pluralidade das existências e a evolução indefinida, tais são, com efeito, as bases fundamentais da filosofia espírita, as pedras angulares do edifício!...

A incerteza que teve a Sra. Allan Kardec, a respeito da execução final do monumento, não lhe permitiu avisar com antecedência aos nossos irmãos em crença que tinham manifestado o desejo de assistir à reunião comemorativa. Ainda assim o Espiritismo foi dignamente representado por um grande número de espíritas de Paris e das províncias.

Ninguém havia esquecido que no ano anterior, em mesma data, um justo tinha ido buscar na erraticidade, a sanção de uma vida de devoção e de abnegação. A numerosa correspondência que recebemos naquela ocasião, nos é uma testemunha irrecusável que, se Allan Kardec deixou de existir materialmente entre nós, sua memória e a lembrança de seus trabalhos viverão eternamente dentre os corações daqueles que ele abriu, pelo Espiritismo, os vastos horizontes da vida futura.

Como dissemos acima, a província foi representada por alguns nomes de espíritas que os negócios trouxeram, momentaneamente à Paris: citaremos entre outros Sr. Guilbert, o digno presidente da sociedade espírita de Rouen, e Sr. Fortunè Gusman de Bône, um dos partidários mais ativos da disseminação da nossa filosofia na Argélia.

Muitos discursos foram pronunciados sobre a tumba. Dentre os oradores que usaram as palavras para expressar, com a eloquência do coração, os sentimentos de reconhecimento e testemunhas de gratidão dos espíritos presentes ou ausentes, citaremos: Srs. Levent, Desliens, Leymarie e Guilbert.

Convencidos que nossos leitores, impedidos pela distância, ou por suas ocupações, de assistir à inauguração, nós seremos gratos em lhes trazer ao conhecimento alguns desses discursos (o

completo domínio da *Revista Espírita* não nos permite a publicação completa), nós fizemos como dever lhes reunir em uma brochura especial e de juntar algumas das cartas mais notáveis que nos foram endereçadas, entre outras pelo Sr. Vanderyst, de Spa (Bélgica), e pelo Sr. Delanne, que esteve distante de nós, devido uma longa e dolorosa doença.

Dentre as instruções as quais a inauguração do monumento deu lugar, nos reproduziremos enfim, como conclusão natural deste livro, uma comunicação que o Espírito de Allan Kardec bem desejou transmitir a um de nossos médiuns.

A foto do *dólmén* que nós colocaremos nessa publicação, para satisfazer a legítima curiosidade de todos, foi executada com o maior cuidado e com a mais rigorosa exatidão, por Sr. Pegard, gravador, depois o desenho de Sr. Sebille.

Nota. Apressamo-nos fazer saber aos nossos leitores, que existe um outro busto destinado ao mausoléu de Allan Kardec (um segundo teste), exposto atualmente no salão sob a direção da *Sociedade anônima* e destinado ao *Museu do Espiritismo*, que será colocado na sala de ciências, rua de Lille, n° 7.

CORRESPONDÊNCIAS

CARTA DO SR. VANDERYST, DE SPA (BÉLGICA)

29 de março de 1870

Queridos Senhores,

Depois de amanhã será o dia de aniversário da morte do nosso falecido mestre Allan Kardec; é também o momento que vocês escolheram para a inauguração do monumento funerário. Se a distância que nos separa é muito grande para nos permitir fazer a viagem, estou convencido, senhores, que estaremos unidos a vocês de coração e intenção, e que os nossos pensamentos o acompanhará na realização deste dever piedoso. Nós vos pedimos expressar à Sra. Allan Kardec o pesar que sentimos em não poder testemunhar de outra forma nossa simpatia nessa circunstância.

Talvez ainda existam irmãos em crenças que não compartilharão nossa opinião quanto à utilidade e oportunidade deste monumento. Quanto a nós, acreditamos que é o mínimo que podemos fazer para expressar ao mestre nosso reconhecimento pelos imensos benefícios pelos quais somos, a ele, devedores. Sem

Allan Kardec, estaríamos, na maior parte, ainda dentro o caos, sem poder dar corpo às nossas ideias sobre a vida futura.

A pedra angular do edifício espírita é a reencarnação. O mestre tinha compreendido, pois tinha feito um estudo profundo; ele se identificou de alguma forma com esse princípio, sempre colocando-o sobre a tríplice égide da revelação, da razão e da ciência; este princípio, entre todos, pode ser, o que levará o remédio mais direto, a solução mais próxima aos temíveis problemas que preocupam os espíritos e afetam a própria vitalidade da sociedade moderna.

Após tê-lo proclamado durante sua vida, apesar de algumas dissidências passageiras, é justo que lhe ofereçamos uma última e eterna homenagem; que possa lhe personificar o lugar onde repousam suas cinzas. *O dólmen* é uma forma característica e expressiva, simples e imponente ao mesmo tempo. Vocês escolheram muito bem, senhores, e, de nossa parte, vos agradecemos.

A memória de Allan Kardec, como a de todos os grandes reformadores, vai viver especialmente na posteridade; chegará o dia em que, como nos quinhentos anos de **John Huss**, essa grande individualidade vai ver grande fluxo de pessoas se erguerem novamente em seu nome; seu triunfo, desta vez, será maior, mais universal. Enquanto isso, cabe aos seus seguidores, àqueles que recolhem mais diretamente o fruto de seu labor, a incumbência de colocar a primeira pedra da lembrança, de espalhar seus escritos, de realizar suas visões!

Allan Kardec nos deixou uma bela filosofia, imperecível como as leis naturais que a fazem de base; ele fez melhor: a sancionou pela prática de todas as virtudes. De nossa parte, nos cabe demonstrar que somos dignos da doutrina e seu fundador, começando pela nossa união, nossa devoção ao estandarte e à

nossa abnegação.

Espíritas, não é suficiente tomar por lema: *a caridade*, é necessário que ela exista em nós, que ela viva em nossos atos.

Eu vos rogo de aceitar (minhas saudações), etc.

H. Vanderyst

CARTA DO SR. ALEXANDRE DELLANE

Rouvray, 30 de março de 1870

Senhores e amigos,

Há um mês me encontro no campo, procurando restabelecer minha saúde fortemente abalada por seis meses de doença. Estou sabendo, através de uma carta da Sra. Delanne, que amanhã vocês irão inaugurar o monumento de nosso venerado mestre Allan Kardec. Teria apreciado muito estar entre vocês para assistir a esta comovente cerimônia e para homenagear pessoalmente, mais uma vez, este espírito de elite que, ao me dar a fé iluminada, me deu ao mesmo tempo, a calma e resignação necessárias nesta terra de provações.

Mas se a distância e a exaustão das minhas forças não me permitem vos acompanhar pessoalmente, creiam que meu coração não está insensível, e que meu pensamento, livre apesar da impotência de meu corpo, se unirá ao vosso.

Ninguém pode, melhor que eu, reconhecer as raras qualidades de Allan Kardec e fazê-lo justiça. Tenho visto muitas vezes, em minhas longas viagens, o quanto ele foi amado, estimado, compreendido por todos os adeptos. Todos desejavam conhecê-lo pessoalmente para agradecer-lhe por ter dado a luz através de suas obras, para demonstrar-lhe a gratidão e toda devoção. Eles o amam ainda hoje como um verdadeiro pai. Proclamam seu gênio e o reconhecem como o mais profundo dos filósofos modernos. Mas, eles puderam apreciá-lo em sua vida privada, quer dizer, pelos seus atos? Puderam ter sondado a bondade de seu coração, seu caráter tão firme quanto justo, a benevolência que ele trazia em suas relações, a caridade real que enchia sua alma, sua prudência

e sua elegante delicadeza? Não.

Pois bem, é deste ponto de vista, senhores, que quero vos falar hoje sobre o autor de *O Livro dos Espíritos*, pois muitas vezes tive a honra de ser recebido em sua intimidade. Testemunhei algumas de suas boas ações e, sobre este propósito, algumas citações não poderiam ser esquecidas aqui.

Um dos meus amigos, o Sr. P..., de Joinville, tendo vindo me ver, fomos juntos à cidade de Ségur, visitar o mestre. Em meio à nossa conversação, Sr. P... nos relatou a vida necessitada de um de seus compatriotas, um ancião, ao qual faltava tudo, não tendo nem mesmo roupas quentes para se cobrir no inverno, e reduzido a abrigar seus pés descalços em tamancos improvisados. Este bom homem, no entanto, estava longe de reclamar e, especialmente, de solicitar ajuda: era uma pobre vergonha. Um panfleto espírita havia caído sobre seus olhos, ele tinha internalizado a doutrina, a resignação de suas provações e a esperança de um futuro melhor.

Vi rolar dos olhos de Allan Kardec lágrimas de compaixão, e, enviando ao meu amigo algumas moedas de ouro, ele disse: "Segure, aqui está para lhe ajudar a atender às necessidades materiais mais urgentes de vosso protegido, e como ele é espírita e seus meios não permitem que ele possa se instruir o quanto ele desejaria, volte amanhã; vou lhe enviar, com minhas obras, tudo o que puder dispor em seu favor". Allan Kardec cumpriu sua promessa, e o ancião hoje é abençoado em nome do homem beneficente que, não contente em socorrer sua miséria, lhe doou ainda o pão da vida, a riqueza inteligente e moral.

Há alguns anos atrás, fui recomendado a uma pessoa que foi diminuída ao último limite, violentamente expropriada de sua casa, e jogada sem recursos na calçada com sua esposa e filhos. Perante o mestre, me fiz o intérprete desses infortúnios, e imediatamente, sem querer conhecê-los, sem inquerir sobre suas

crenças (eles não eram espíritas), me deu os meios de os tirarem da miséria, evitando-lhes o suicídio, pois haviam resolvido retirar o fardo da vida que se tornara pesado demais para suas almas desencorajadas, se eles tivessem desistido da assistência dos humanos.

Enfim, permitam-me de vos relatar ainda o fato seguinte, em que sua generosidade rivaliza com sua delicadeza.

Um espírita que vivia em uma aldeia situada a cerca de vinte léguas de Paris, implorava a Sra. Allan Kardec que o homenageasse com uma visita para assistir às demonstrações espíritas, que estavam ocorrendo em casa. Sempre pronto quando se tratava de obrigação, tendo por princípio que o Espiritismo e os espíritas devem ser sobretudo aos humildes e aos pequenos, partiu brevemente acompanhado de alguns amigos, e da senhora Allan Kardec, sua querida companheira.

Ele não se arrependeu de sua ida, pois as manifestações testemunhadas foram verdadeiramente notáveis; mas durante sua breve residência, seu hóspede foi cruelmente afligido pela súbita perda de uma parte de seus recursos. A pobre gente, consternada, ocultava sua desolação o máximo que lhes fosse possível. No entanto, a notícia do desastre chegou a Allan Kardec e, no momento de partir, tendo se informado sobre o valor aproximado do dano, entregou ao prefeito uma quantia mais do que suficiente para restabelecer o equilíbrio na situação de seu anfitrião. O agricultor recebeu a intervenção de seu benfeitor apenas após a sua partida.

Eu não iria acabar se tivesse que lembrá-lo dos mil e mil fatos desse gênero, conhecido somente por aqueles que ele havia socorrido; porque não somente aliviou materialmente a miséria, ele elevou a moral abatida pelas boas e fortificantes palavras, e, jamais, sua mão esquerda soube o que doou sua mão direita.

Antes de terminar, não posso resistir ao desejo de lhes fazer conhecer este último fato.

Uma noite, um dos meus conhecidos cruelmente testados e escondendo a todos os olhos a sua penúria, encontrou em sua portaria uma carta lacrada contendo estas simples palavras: “Da parte dos bons Espíritos” recursos suficientes para ajudá-lo a sair de sua posição crítica. Da mesma forma que a bondade do mestre o fizera descobrir infortúnios, meu amigo, guiado por qualquer indício e pela voz do coração, logo reconheceu seu benfeitor anônimo.

Este é, portanto, o coração deste filósofo tão pouco conhecido durante a sua vida! Quem mais do que ele de fato, tão bom, tão nobre, tão grande em suas palavras como em suas ações, colocou mais nas injúrias e nas calúnias?

Contudo, ele tinha inimigos apenas aqueles que não conheciam esses pontos; porque quem podia apreciar, mesmo não compartilhando suas opiniões filosóficas, era obrigado a prestar homenagem à sua boa-fé, e a seu inteiro desinteresse.

Seus críticos, que nada conheciam dele além da sua bandeira, procuraram de todas as formas arruiná-lo dentro da opinião pública, sem indagar se o rumor que eles relatavam tinham o menor fundamento; mas ele manteve sua bandeira seja alta que firme, que nada relatado não o atingiu e que a lama que queriam lhe recobrir, não saiu que da mão dos panfletários.

Querido mestre, nobre e grande Espírito, paire em sua majestade sobre os que te amam e te respeitam! Você vê os que te são inteiramente devotados! Continue com tua intervenção de caridade e proteção! Comunique às suas almas o fogo sagrado que te anima, afim que profundamente convencidos dos princípios imortais que você professou, eles seguirão teus passos imitando tuas virtudes! Faça reinar entre nós a concórdia, o amor e a paz, a

fim de que possamos te juntar quando a hora da libertação tiver soado para nós!...

Recebei, etc.

Alexandre Dellane

DISCURSOS
PRONUNCIADOS NO
ANIVERSÁRIO DA MORTE
DE
ALLAN KARDEC

EM NOME DA FAMÍLIA E DOS AMIGOS

POR SR. LEVENT

Senhores e queridos irmãos.

Hoje um ano atrás, um acontecimento doloroso, inesperado, a morte súbita de nosso venerado mestre Allan Kardec lançou a consternação e a dor entre nós. Eis que, se a doutrina espírita perdeu seu único e verdadeiro chefe, muitos dentre nós, quase todos, perdemos um amigo, um amigo verdadeiro.

Por isso, só a este título, que doze anos de relações íntimas, afetuosas, com Allan Kardec, me permitem invocar, que me permito de vos endereçar algumas palavras.

E todavia, ainda que a obra do mestre estivesse longe de estar concluída, que sua ausência de nosso lado deixou um vazio imenso, impossível de ser preenchido: em uma palavra, ele nos faltou a todos, mas o desencorajamento não se alojou em nossas almas; nenhuma blasfêmia contra a vontade divina foi ouvida. A calma retornou pouco a pouco em nossos espíritos perturbados.

Às lágrimas, aos amargos arrependimentos, sucedeu uma doce e santa resignação. A que então atribuir essa calma, essa resignação, senão somente ao Espiritismo, à esta sublime e consoladora doutrina onde o estudo atento, sério, levanta as coragens abatidas, sustenta os espíritos fracos, dá-lhes a ciência da vida, dá-lhes prova que eles são uma alma responsável pelos seus atos, e que o que o mundo chama de morte, nada mais é que a aurora de uma nova existência.

Ah, bem, certamente, querido e saudoso mestre, das esferas elevadas de onde você brilha sobre nós, você aprecia sua obra!

A presença, nestes lugares fúnebres, de seus amigos sinceros e fiéis, reunidos pela vossa corajosa companheira agrupados em entorno de seu túmulo, vos prova, querido mestre e amigo, que vossa lembrança está viva em nossos corações, que nós nos esforçaremos com todas nossas forças, em continuar o trabalho ao qual você dedicou sua última existência, e que não somente procuraremos espalhar a luz, a propagar a doutrina espírita através de palavras, mas sim pelos nossos atos. Por isso seja feliz, caro mestre e amigo, pelo bem que você fez e que faz todos os dias.

Possa o Espiritismo, o qual você foi o iniciador corajoso e culto, cobrir em breve suas razões beneficentes, toda a superfície da terra.

Continue com seus discípulos vossa benevolência e todo-poderoso concurso; a obra se realizará!... e vosso nome, gravado no panteão da história entre aquele dos benfeitores da humanidade, se transmitirá de idade em idade como aquele dos antigos profetas.

O HOMEM É ESPÍRITO E MATÉRIA

POR SR. DESLIENS

Senhores,

Há um ano, nesse mesmo dia, um desses grandes espíritos, que aparecem através dos séculos para guiar a humanidade em sua marcha ascendente verso o conhecimento da verdade, evadiu prematuramente de seu envelope corporal. Ele foi recolher na verdadeira pátria das almas, a recompensa de seus trabalhos conscienciosos, de sua devoção perseverante, de suas lutas incessantes e fecundas pelo triunfo da verdade e a prática do bem. Ele foi por ele mesmo, explorar o mundo espiritual que pressentiu desde sua juventude, e que descreveu com uma lógica, uma clareza, uma eloquência inimitável, quando experiências diretas lhe permitiram constatar a realidade.

Novo Cristóvão Colombo, por estudo do mundo material visível que ele teve sob os olhos, desvelou a existência de um mundo espiritual invisível, prosseguindo desde o homem à Deus, a cadeia ininterrupta que se eleva do átomo ao homem.

Muitos outros antes dele reconheceram que, em todos os reinos da natureza, as espécies sucedem-se em virtude de leis maravilhosamente simples, desde os infinitamente pequenos até aos infinitamente grandes. Muitos outros tinham reconhecido que é por graus insensíveis que se passa de uma ilusão invisível ao elefante, do átomo intangível ao mais imenso dos globos celestes.

Desde os filósofos da antiguidade até aos estudiosos de nossos dias, até aos Pais da Igreja, os pensadores de todos os tempos

tomando por bússola a lógica e a razão, imaginaram para além da humanidade, a gradação harmoniosa que eles tinham observado estava aquém. A distância infinita que existe entre a molécula infinitesimal e o ser humano, preenchida se racionalmente por todas as espécies inferiores ao homem, implicava necessariamente acima dele e até a Deus, uma série de seres superiores, sem os quais a criação não poderia ser nada além que uma obra imperfeita e incompleta.

Este mundo superior deveria ser composto conseqüentemente também de uma grande variedade de seres daqueles que constituem o mundo humano-animal.

O homem, síntese suprema da criação visível e invisível, deveria ser o intermediário, o ponto de contato, o elo de transição entre o mundo material inferior e o mundo espiritual superior. E, de fato, sob qualquer forma que seja, todas as crenças religiosas afirmam mais ou menos a existência de seres deste mundo imaterial, imiscuindo-se nos processos humanos como agentes secundários entre o criador e a criatura. Negar sua existência e sua intervenção saudável ou perversa nos atos da vida terrestre, seria evidentemente negar os fatos sobre os quais repousam as crenças de todos os povos, de todos os filósofos espiritualistas, até os sábios da mais alta antiguidade cujos nomes chegaram até nós.

Mas competia ao nosso século se ilustrar pela descoberta e exploração deste mundo desconhecido; competia á Allan Kardec de estender, de condensar, de coordenar e de popularizar as leis que regulamentam os comportamentos do mundo espiritual, e os meios de entrar em contato com os que lá habitam.

Seguramente, alguns espíritos destacados, missionários do progresso, portadores destinados a propagar a luz vivificante do saber sobre seus contemporâneos, haviam tentado eliminar a pontinha do véu que lhes escondeu os segredos sobre o futuro, e,

embora que através de espessas nuvens, eles tinham vislumbrado a verdade! Mas essa verdade, eles haviam preciosamente conservado em seus interiores, dificilmente ousando aprofundar, e não transmitindo que apenas à algumas raras disciplinas as quais eles tivessem sabido avaliar a superioridade e a descrição. Alguns não tinham podido ou não tinham ousado reunir os elementos dispersos das leis entrevistadas; alguns não tinham procurado entre o fato bruto, na experimentação direta, a prova material e psíquica da existência deste mundo e de suas relações com o nosso.

Allan Kardec fez o que ninguém havia feito; ele estudou os fatos, os analisou metodicamente, e, de suas observações laboriosas, absorvidas dos ensinamentos conscienciosos, condensados em obras imortais, sabiamente e claramente escritas, e pelos quais ele dissemina no mundo inteiro, em alguns anos, a descoberta mais prodigiosa do nosso século.

Após quinze anos de trabalho perseverante, após haver consagrado todo o seu ser à essa empreitada gigantesca, após ter sacrificado seu repouso, seu bem-estar, sua saúde, sua vida à edificação da doutrina, suas forças traíram sua coragem, ele cai fulminado no momento em que, dando os últimos retoques na primeira parte da obra, ia entrar em uma fase nova de seu trabalho com numerosos elementos de sucesso.

Combatendo mais que nunca para o triunfo das verdades demonstradas pelo Espiritismo, ele morreu instantaneamente, com todo vigor e potência de sua inteligência.

A lâmina gastou a bainha!

O homem se desorganizou! O corpo, privado de vida, rendeu-se à terra, e a alma que o animava foi receber a recompensa da

missão dignamente e nobremente cumprida. Livre das preocupações terrestres, desligada das paixões mesquinhas que nos agitam neste mundo, ele reentra no mundo dos Espíritos, como o exilado volta ao seu país natal, como o prisioneiro escapa da prisão onde ele esteve preso. Por isso, certos de sua felicidade, não lamentaremos de fato por ele, mas pela Senhora Allan Kardec, mas por nós, mas por todo o mundo espírita, o golpe terrível que o arrancou da nossa comum afeição.

E é neste ponto, de fato, para os que se vão como Allan Kardec, que a morte é cruel!... Anjo do livramento, ao tocar-lhes as asas, ela lhes abre horizontes desconhecidos, reservando seus rigores para pessoas que ficam em torno da casa deserta, para a companhia de toda uma existência de devoção e de afeição, para os amigos e os discípulos do pensador laborioso!

É por isso, venerado mestre, que teus ensinamentos nos foram salutareos, que seus trabalhos se tornou para nós um precioso socorro! Graças a você, graças as verdades que você nos fez tocar com nossos dedos, nós sabemos, de fato, que você não abandonará tua corajosa companheira, que a sustentará com teus conselhos jornaleros, que nos inspirará, que nos instruirá a todos para manter a doutrina dentro do caminho prudente e sábio onde você chegou.

Para o Espiritismo, para os pensamentos do amanhã entre os quais nós temos grandes a teu lado, nós sabemos que a tumba entreaberta não se fechará que sobre a matéria em decomposição, e que a inteligência, voando já entre os espaços, abandonaria conosco o *que ainda falta*, para continuar, no mundo dos Espíritos e com seus novos meios de ação, o desenvolvimento da obra empreendida.

E, de fato, pela tua preocupação pelos nossos fracos esforços, pelas tuas benéficas emanações que nos trouxe sua trajetória

incessante, você não tardará a nos demonstrar que, se você nos deixou materialmente, teu Espírito, pelo menos, não nos abandonou.

Mas porque então, nesse primeiro aniversário de sua partida terrestre, estamos aqui, nós espíritas, que sabemos muito bem que você não está mais aqui e que não estará nunca mais? Porque esse monumento, ao qual sua modéstia não teria desejado?

Se nós estamos aqui, respeitosa e inclinados entorno da vestimenta física que você abandonou assim que acabaram suas horas de serviço, é porque, o que dissemos, nós não somos um desses místicos que, esquecendo tudo desta vida terrestre, vem somente para o céu; é que, por tuas sábias instruções, nós sabemos que devemos ser o que somos, esta matéria, sem as quais não sentiríamos o desejo de fugir das necessidades que ela impõe, sem as quais não faríamos um esforço para avançar na rota da perfeição infinita!...

Não é para ela ou por ela, de fato, que nós buscamos superar os obstáculos sem cessar renascidos sob nossos pés? Não é por ela que, a cada vitória ganha, nos grita, sobre todas as formas e por todas as vias: Caminha, caminha!...

Deus nada criou de inútil; ao doar à matéria a inteligência, Ele doou também os meios de chegarmos até Ele.

Mas, nós devemos reconhecer na matéria em geral, um auxiliar indispensável de todos nossos progressos, é sim, sobre isso, ela tem qualquer direito sobre nós, quais sentimentos devem nos animar na presença desse corpo, dessa ferramenta maravilhosamente organizada, para a qual nós damos origem a todas as faculdades de nossas almas, pela qual nos exprimimos todos os pensamentos, todas as aquisições de nosso ser inteligente!

Ah! Nós não temos dúvidas, é um sentimento de

reconhecimento instintivo em direção ao companheiro inseparável de todos os seus trabalhos que, depois das épocas pré-históricas até nossos dias, entre os povos os mais selvagens como entre os povos mais civilizados, provocou entre os homens o respeito inveterado da morte e a necessidade de consagrar, pelos monumentos invioláveis, o pedaço do chão onde repousa para sempre seus despojos mortais!...

E, agora que o corpo que está embaixo da pedra funerária serviu de abrigo a um desses Espíritos superiores que revolucionaram sua época pelas grandiosas concepções, os profundos sentimentos religiosos devem nos preencher em sua presença!

Não é por essa organização poderosa, hoje fria e inanimada, não é por fora deste corpo perecível que conhecemos Allan Kardec? E para aqueles que veriam uma deificação da matéria nessa homenagem voluntária que fazemos aqui, nós diremos:

Não, Allan Kardec não está lá todo inteiro! Dentro deste envelope que repousa aos nossos pés, dentro do cérebro extinto, dentro dos olhos fechados para sempre, não existe nada além de um instrumento quebrado! Neste cofre estreito não caberia esta inteligência de elite, esse espírito fecundo, essa individualidade poderosa, para quem o mundo terrestre ficou muito limitado, e que não parece ter descoberto o mundo espiritual para doar um campo mais vasto a sua insaciável atividade. Não, o Espírito não está mais aqui sob as pedras; o plano sobre as nossas cabeças, de um mundo melhor, onde suas faculdades se exercem em toda sua plenitude, é onde nós esperamos o reencontrar um dia.

Mas Allan Kardec não é somente uma inteligência; ele também foi um corpo; foi para esse corpo que nós conhecemos, que nossas inteligências se relacionaram com a sua, e isso é o porquê nós estamos aqui hoje reunidos em volta da sua sepultura.

Como seus trabalhos imortais, os traços dos homens geniais pertencem à história da humanidade; eles fazem parte integrante, e, para os reconstituir por inteiro, para lhes apresentar semelhantes às futuras gerações ávidas de conhecer aquele que lhes abriu os novos horizontes à explorar, ele não foi somente os livros, representação materializada da inteligência, mas também as formas que esta inteligência a comanda.

Os livros restam permanente através das eras para transmitir a nossos descendentes o nome daquele que, por primeiro, ousou penetrar nos segredos da vida imortal, a testemunha da lógica e da razão à mão! Mas a imagem física desta alma, o rosto deste homem, esse espelho onde a inteligência veio a refletir, não pertence ela também à história? E a posteridade não terá ela um dever severo nos perguntar, se, esquecidos ou negligentes, nós não os fizemos conhecer essa vasta frente, esta leal fisionomia que respira a benevolência e amor à humanidade? Essa lacuna deplorável, um artista de talento, Sr. Capellaro, bem quis preencher; solicitamos aceitar aqui, em nome da Senhora Allan Kardec, em nome de toda grande família espírita, nossos fortes agradecimentos e calorosas felicitações pelo talento que nos faz constatar. Não é apenas, em efeito, uma simples imagem de nosso venerado mestre que nós temos sob os olhos; é seu pensamento, a sua inteligência completa, que irradia entorno de seu busto e que fala a nossos olhos a linguagem das almas. Possa esse bronze transmitir aos séculos futuros os traços do imortal fundador da filosofia espírita, acrescentar ainda a legítima fama que o Sr. Capellaro conseguiu alcançar pelos seus trabalhos anteriores.

Se, como nós não duvidamos, querido e venerado mestre, você está aqui presente, ainda que invisível para nós, nós te imploramos de continuar a sua corajosa companhia que não teve medo de assumir um fardo pesado para garantir a execução de

suas vontades, a de seus amigos, a dos numerosos discípulos, a proteção que você já nos deu tantas provas.

Junto à sua lembrança, seus trabalhos e os efeitos salutareos que trará sua presença entre nós, nós continuaremos, com nossos esforços, a desenvolver e a popularizar a obra que você nos confiou, e nós avançaremos a passos lentos, mas certos, em direção aos tempos felizes prometidos à humanidade regenerada.

O ESPIRITISMO NA ANTIGUIDADE

POR SR. LEYMARIE

Caros irmãos no Espiritismo,

Vocês estão reunidos para saudar o mestre, e daqui em diante, os Espíritas encontrarão, dentro desta vasta necrópole, o nome do homem de bem, do pensador, do filósofo, que pôde, do fundo do seu escritório, remexer o velho espírito de revolta contra Deus, - esse espírito que ameaçou de ensinar as gerações por nascer essas palavras de Dante: *Deixem aqui todas as esperanças!*

Esta pedra druida não é um pensamento de orgulho: ela é um símbolo, um ponto de partida. A honrada viúva do mestre desejou chamar todos os Espíritas que Allan Kardec não tinha inovado, e que, cativados a analisar os laços íntimos que nos unem aos povos desaparecidos, ele reencontrou nossa filiação paternal e espiritual junto aos nossos ancestrais os Gauleses.

Bem antes de Jesus Cristo, as ideias de Deus, da imortalidade da alma, da reencarnação, da transmigração do ser através dos mundos habitados, estavam escritos no *Ramayana*; o *Sânscrito* nos revelou a ideia-mãe, e a Índia não guardou avarenta o tesouro das gerações futuras. As emigrações do Himalaya espalharam a grande ideia na Pérsia, no Egito, até mesmo na Gália; e, após milhares de anos, após cem e cem revoluções, nossos pais permaneceram sós os guardiões da grande tradição, aqueles que tiveram o dom de ensinar, no século dezenove, pela forte e generosa iniciativa do venerado mestre Allan Kardec!

Sim, irmãos, esta é a grande honra, o grande mérito do homem

que viemos saudar, por ter ousado, em pleno século dezenove, na França, neste país difícil, onde o ridículo mata, recolher e coordenar ensinamentos, duzentas vezes secular. De nossos pais os Aryas, de seus filhos os Gauleses! Não obstante os ataques interessados, insultado na cátedra, pelos panfletos, jornais, livros, ele fundou a filosofia espírita, reencontrando a grande tradição perdida.

Com sua lógica justa, simples, impressionante, ao alcance de todos, esse grande pensador nunca quis se promover e ter unicamente uma reputação de sábio; sua missão foi muito mais ampla: ela atingiu em plena face esses risonhos imperdoáveis que, de negação em negação, não sabem nada eles mesmos.

Com sua justa lógica, simples, impressionante, ao alcance de todos, esse grande pensador nunca quis se endereçar algumas cartas e ter unicamente uma reputação de sábio; sua missão foi muito mais ampla: ela atingiu em plena face esses risonhos imperdoáveis que, de negação em negação, não sabem nada eles mesmos.

Todos os cansaços, todas as corrupções sentiram a importância da obra e o atacaram violentamente em seu espírito, e também como homem; mas Allan Kardec sorriu na luta, chamando para si todos os sofrimentos, a dor, a desilusão; ele cicatrizou as dores íntimas, e seu maior título de glória será de ver reclamar seus detratores sem lhes responder, e sobretudo, de ver, em plenas mãos, colocados aos seus alcances o remédio para essas doenças atrofiantes que se chamam: o ateísmo, o egoísmo, o orgulho!...

Também, vê-los vir de todas as partes da terra, essas adesões sem nome: do alto a baixo da escala, é uma procissão formidável! Do rei ao trabalhador, do banqueiro ao lavrador, isto é um vasto concerto de bênçãos, isto é a alma humana reencontrando um

sopro de ar em meio às aspirações ardentes deste mundo em pesquisa!...

O inferno se vai! A morte torna-se um sorriso! E a esperança, uma vez séria, nos faz amar a vida pelo que ela é: uma ação falada, animada pela fraternidade, pela solidariedade universal. Depois disso, vos surpreende, portanto, irmãos espíritas, dos ataques passionais desta sociedade em delírio, que desmorona matematicamente hoje em dia, para se recriar saudáveis e vigorosas doutrinas do mestre.

Você está perto de nós em espírito, com a legião de nossos mortos amados. Você pode estar satisfeito, porque está cercado daqueles que não duvidaram jamais de ti e do teu trabalho. Eles vêm cheios de você, sem segundas intenções, vos trazer essa lembrança, e, ao consagrar esta pedra druida, esta é a unidade simbólica do número três, esta trindade mística preconizada desde o nascimento do homem, que nós viemos saudar! Isso é gaulês antigo, cobrindo vossa poeira humana e dizendo aos visitantes: *Estudem, voltem-se para a fonte!....* Isto é a pedra elevada habitando vosso benevolente viso! Vossa tumba é todo um idioma perdido e reencontrado!...

Do fundo do nosso coração, nós agradecemos ao eminente artista Capellaro, que o consagrou com seus traços talentosos, esse dom privilegiado, e Senhora Allan Kardec, que deve e quer continuar a sua tarefa, chamando para o seu nome todos aqueles que cultuam o homem de bem, hoje uma legião, que se consolam e se fortificam com a leitura de suas obras.

Seus trabalhos! Eles estão por toda parte. O objetivo da *Sociedade* onde você traçou os planos e centralizou as forças espíritas para disseminar os livros espíritas e colocá-los ao alcance de todas as aspirações. Ela quer e assim será! – Como esse sol que nos aquece hoje, e que, foco de eletricidade, doa em

maravilha à toda natureza, a todos os mundos habitados do nosso sistema planetário a vida e o calor, ela quer que os mais humildes, todos os deserdados, todos os recantos obscuros, tenham seus raios de vida: um raio espírita, a esperança real, a segurança de um objetivo, a vontade, o meio de ser bom como você, querido mestre, e de enxergar Deus em seus trabalhos, nos estudos das maravilhas da natureza!

Iremos ler-te por toda parte, querido mestre; e também, com olhar suave analisar os traços do consolador, do revelador! O talento consagra a memória dos homens sábios, e, no amanhã, sua página escrita está bem larga e bem profunda; neste momento, seu assento é designado na suíte da plêiade dos homens ilustres.

Você é um benfeitor da humanidade!

EM NOME DOS ESPÍRITAS DOS CENTROS DISTANTES

POR SR. GUILBET
PRESIDENTE DA SOCIEDADE ESPÍRITA DE ROUEN

O que irei lhes dizer, senhores, após esses discursos eloquentes que acabaram de ouvir?

Vocês me deixaram muito pouco a agregar neste vasto campo fecundado pelos trabalhos vigilantes daquele à quem nós devemos a beneficente divulgação da doutrina espírita.

Todavia, delegado dos grupos de Rouen, devo tomar a palavra em seus nomes, e acredito faltar a um dever sagrado se não expressar aqui seus sentimentos de afeição e de reconhecimento pela inteligência abençoada de quem os doou o pão da vida, e à qual eles devem a consagração de suas mais ardentes aspirações.

Preciso falar ainda em nome de todos os Espíritas dos centros longínquos. Minhas frequentes viagens permitiram-me manter uma relação incessante com a maior parte deles e de conhecer suas necessidades e seus desejos.

É preciso como eu, cavalheiros, ter frequentado os Espíritas isolados, ter sido testemunha de suas lutas laboriosas contra as opiniões e os prejuízos enraizados dos seus concidadãos, para saber até que ponto vai à veneração deles por aquele que eles consideram, justamente, como *a maior figura do nosso século*.

De fato, não é senão a Allan Kardec que eles devem a solidariedade que lhes uniu; não é senão graças a ele, graças a seus ensinamentos tão amplos, tão compreensíveis, que, elevando-se acima dos vãos obstáculos que os separam aqui na

terra, esqueceram-se do pequeno número de cada grupo, para se lembrarem somente que eles fazem parte de um exército incontável, disseminado no universo e combatendo, sobre a terra e no espaço, contra os erros, a ignorância e a superstição, para a emancipação e a regeneração da humanidade.

Espigas dispersas e improdutivas antes da vinda do mestre, sob os poderosos aromas espalhados por suas obras, eles se tornaram fardos de trigo fecundos e nutritivos do espírito humano, popularizando à volta deles as crenças onde eles encontraram satisfação para suas aspirações mais íntimas, consolação em suas provas e esperança no futuro.

Alguns foram arrancados pelo Espiritismo, da dúvida e da incredulidade; outros atraíram a consagração e o desenvolvimento de suas crenças secretas. Graças à ele, todos encontraram a luz onde antes eram apenas escuridão, e a solução simples, lógica, racional, dos problemas insondáveis até aquele momento, desconhecidas contra as quais a inteligência do homem entrava em confronto, e que lhe faziam duvidar da justiça, da bondade e mesmo da existência de Deus.

Mas se, pelo Espiritismo, adquiriram ciência e razão, satisfação da inteligência e do coração, eles não se esqueceram que, se a riqueza material é um depósito que se deve conta aos pobres e a Deus, eles também devem, em virtude dos princípios da caridade, da solidariedade e da fraternidade, derramar a profusão em torno deles as riquezas intelectuais e morais que eles foram capazes de adquirir. E essas riquezas imperecíveis, se multiplicam sem cessar à medida que eles se prodigalizam, vindo todo dia se juntar à ação da humanidade no concurso da marcha ininterrupta em direção aos destinos superiores.

Por minha vez lhes direi que, se o corpo de Allan Kardec repousa sob essas pedras, seu Espírito vive mais que nunca, na

erraticidade, da grande vida das inteligências de elite, se multiplicando sem cessar, indo a todas as reuniões para que todos ouçam conselhos salutareos, temperar a ânsia prematura dos ardentes, apoiar os sinceros, estimular os mornos e flagelar os falsos irmãos? Vocês sabem tão bem como eu; mas, o que talvez vocês ignorem, é a coragem, a perseverança, a firmeza que os espíritas dos grupos isolados e dos grandes centros haurem de suas relações jornaleras com o eminente Espírito de Allan Kardec.

Também, gostaria de dizer para terminar, que hoje são tantos apóstolos infatigáveis, ensinando pela palavra e pelo exemplo as sublimes verdades contidas nas obras fundamentais da filosofia espírita.

Portanto, querido mestre, nos sustente todos os dias na luta, e continue com todos nós, enquanto formos dignos dela, com seus sábios e benevolentes conselhos que nunca se recusastes a nos ofertar. Sob sua saudável influência, seguros de seguir a verdadeira estrada, caminharemos juntos em direção ao objetivo, até que seja a vontade de Deus nos reunir a ti, quando nos chamar ao mundo dos Espíritos; e lá como sobre a terra, combateremos corajosamente, sob tua direção, para explorar os horizontes desconhecidos e percorrer uma nova etapa na rota do infinito.

RESPOSTA DO ESPÍRITO DE ALLAN KARDEC

OS MONUMENTOS DA ANTIGUIDADE

Não teríamos terminado essas poucas notícias de forma melhor do que publicando o seguinte discurso, referente a inauguração do monumento, que o Espírito de Allan Kardec desejou nos endereçar nesse mesmo dia, por um de nossos excelentes médiuns.

Pareceu-nos que a personalidade do mestre surgiu de uma maneira indiscutível, tanto pela profundidade das ideias que pela concisão e a clareza característica do seu estilo.

Nós leitores, enfim, seremos os mesmos a julgar.

Paris, 31 de março 1870.

Meus amigos, quando há poucas horas atrás, a lembrança da religião vos reuniu entorno do monumento fúnebre que vocês levantaram para honrar minha memória, agora que, cercado por todos aqueles que me precederam ou acompanharam da erraticidade, o sinal do Espiritismo na frente, eu escutei, auditores invisíveis e profundamente afetados, a expressão de vossos sentimentos afetuosos. Eu me vi pelo pensamento transportado a essas épocas pré-históricas que um dentre vós evocou agora

mesmo, em algumas páginas eloquentes e originais; e tudo foi passando na minha frente, como em um imenso panorama, as grandes figuras dos séculos decorridos, eu me perguntava o que nos restaria dos primeiros esforços da humanidade criança, se os barris de colunas quebradas, se as inscrições semiapagadas das pedras caídas não nos permitisse rastreá-las por inteiro.

Os homens que aqui viveram foram a outro lugar para prosseguir os trabalhos iniciados aqui abaixo, mas as ideias que lhes caracterizava, os benefícios que eles dotaram ao espírito humano, como testemunho indescritível de suas passagens e de seus atos, permaneceram profundamente gravados nas pedras, esse gigante inconsciente que desafia a ação desagregante dos tempos e dos elementos.

Eu vi o Zoroastro, os Manou, os Krishna desfilarem na frente de meus olhos deslumbrados, e algum deles me mostrou a pedra simbólica, da inscrição característica, o traço irrecusável de suas existências e de seus trabalhos.

Estavam eles orgulhosos desses depoimentos de reconhecimento dos seus contemporâneos? Não! Porque a individualidade desaparece sobre esses vestígios gloriosos, para deixar emergir apenas o pensamento de que estava vivendo encarnações, para caracterizar unicamente a renovação na qual ela foi instrumento e à época em que foi cumprida. Esses monumentos não são por isso sinais de orgulho e de vaidade humana, mas a prova material do reconhecimento das gerações passadas para aqueles quem não quiseram enxergar, qualquer um de ouvir os que ocultaram as eternas verdades.

Sim, já lhes disse, e vos repito aqui incisivamente porque esta é minha convicção, abaixo da pedra sepulcral não existe nada além de um pouco de matéria em decomposição; o Espírito não está mais lá! e continuam os trabalhos no espaço, e não é mais tocado

pelas honras terrestres, seja o pouco que seja elevado na hierarquia das inteligências. Mas, ele tem o direito de recusar os testemunhos sensíveis de afeição dos homens e se esquivar à consagração material de sua obra? Eu não acredito nisso, porque o Espírito, ele foi homem também, e como tal, se ele pertenceu à história da humanidade, se sua passagem pode determinar qualquer inovação, sua modéstia, seu amor pela solidão e obscuridade não valerão mais do que um orgulho insensato!

Quem em algum lugar se lembrará, em alguns anos, da individualidade laboriosa escondida sob o pseudônimo de Allan Kardec? Quem não esquecerá o homem onde o corpo repousa sob a terra, na presença da ideia à qual a pedra é sim visivelmente marcada?

Eu vos agradeço então, Senhores, e vos sou profundamente reconhecedor do monumento que vocês ergueram neste lugar, porque o que vocês glorificaram, o que vocês eternizaram por essa edificação, não foi a memória de Allan Kardec, - ela vive em vossos corações, e esse testemunho é suficiente, - mas esta época, jamais à ser vivida nos séculos futuros, quem a viu erguer em doutrina os princípios sobre os quais repousam a existência e a legislação natural do universo.

Mas vocês não são os únicos, meus amigos, a se recordarem do aniversário da minha libertação. Uma imensa comunhão de pensamento vos uniu a todos os nossos irmãos em fé, e todos juntos, sob todos os climas, em todas as cidades onde a ideia regeneradora penetrou, vocês endereçaram no espaço uma lembrança afetuosa e reconhecedora do humilde instrumento de projetos providenciais.

Como meu coração ficou grande neste momento indizível. Que imenso amor abraçou todo o meu ser, e pelos meus amigos que deixei só entre vocês, e por alguns dentre vocês em particular, e

por todos indistintamente!.... Ah! Certeza, de como sensações podem fazer esquecer toda uma existência de sofrimento e de lutas!...

Obrigado, meus amigos! Eu estou honrado, porque meus esforços não foram em vão, e se qualquer grão da semente que eu estava encarregado de semear, caíram sobre a pedra ou sobre as sarças do caminho, frutificaram o suficiente na terra fecunda para me pagar cem vezes mais de todos meus trabalhos!

Continuem vossa jornada, corajosos pioneiros do ideal espírita, e se as vezes cruéis decepções vos estagnar por um momento, se os obstáculos surgirem para atrapalhar vossa caminhada como elas atrapalharam a minha, elevem seus olhos e contemplem a grandeza do propósito: vossa perseverança e vossa vontade se tornarão inabaláveis!...

Todos os homens devem ser para vocês irmãos partidos da mesma origem e destinados ao mesmo fim. Se vocês encontrarem pessoas cegas, abra os olhos deles, ofereça escuta aos surdos, e àqueles que são a incredulidade de um e o preconceito do outro, convide-os todos os dias e sem cessar ao banquete das inteligências. Quando vocês retornarem ao espaço, vocês somente se lembrarão como eu do dever cumprido, enquanto continua vossa caminhada ascendente em direção aos mundos superiores, vocês desfrutarão do espetáculo da felicidade daqueles que vocês terão feito compartilhar vossas convicções e vossas esperanças no futuro.

Allan Kardec

ANEXOS

DESCOBERTA DO LOCAL DA TUMBA PROVISÓRIA DE ALLAN KARDEC

POR LAURENT CHAUVIER⁶

Foi na creche da Rua Joseph de Maistre que conseguimos descobrir a localização do túmulo provisório onde Allan Kardec foi enterrado primeiro, no seu funeral em Montmartre, em 2 de abril de 1869, antes de sua Transferência para o cemitério do Père-Lachaise, um ano depois.

A localização é hoje materializada pela parede geminada nas 76 Rua Joseph de Maistre e 227 bis Rua Marcadet, no nível onde se ergue atualmente a sala de jogos de água dando para o quintal da creche e superada por uma Terraço pequeno, visíveis da praça Carpeaux. Marca do Google Maps: <https://cutt.ly/LyjBlXU>

Já postamos na antiga extensão do cemitério de Montmartre - hoje desaparecida - que acolhia concessões temporárias e trincheiras grátis⁷, incluindo a de Allan Kardec localizada na 45ª Divisão, linha 18, fossa 1, de acordo com o registro de enterro diário.

O plano parcelar do bairro que substituiu o cemitério deixa aparecer o antigo traçado dos corredores e divisões, sobreposto

⁶ Fonte: fanpage CSI do Espiritismo no Facebook: <https://www.facebook.com/HistoriaDoEspiritismo/>.

⁷ Ver em: <https://www.facebook.com/laurent.chauvier.144/posts/154435382700095>.

no traçado das parcelas atuais, de modo que pudemos reconstruir o plano do cemitério e posicionar precisamente o perímetro da 45ª Divisão. Faltava identificar a posição exata do túmulo dentro da divisão.

Por falta de plano de layout das concessões, analisamos a distribuição por N° de linha e N° de fossa de todas as concessões atribuídas na 45ª Divisão entre 1855 e 1869 para deduzir com certeza que o túmulo situado ao longo da borda sudeste da divisão, a 18 linhas do canto sul.

Finalmente, as regras de layout em vigor relativas às concessões temporárias que fixam precisamente as dimensões dos cavéis e o seu espaçamento (Notas sobre os cemitérios de Paris, 1889, página 12⁸), conseguimos definitivamente concluir sobre a posição do túmulo de Allan Kardec, a 42 metros do canto sul.

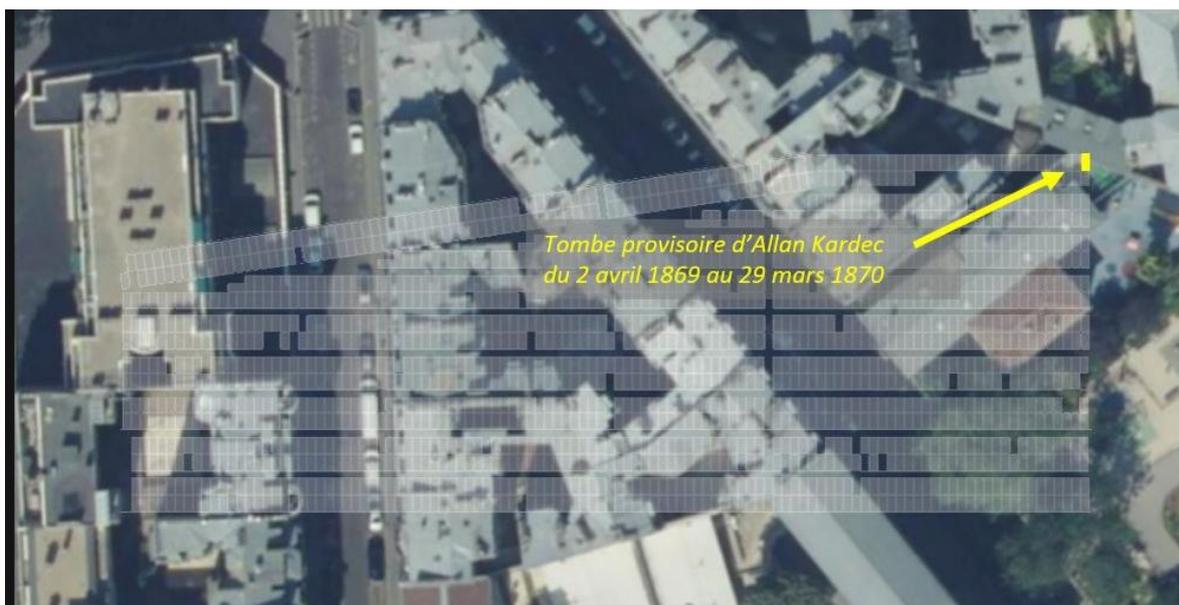
Esclarecimentos sobre a localização e detalhes da nossa investigação estão disponíveis nas fotos e comentários que os acompanham (ver imagens a seguir).

Obrigado a Candide Dess pelo seu apoio e David pela foto da passagem da Rua Joseph de Maistre, n° 76.

Registro diário de enterro do cemitério de Montmartre de 2 de abril de 1869.

NÚMERO GROSSO	NÚMERO FOLHA	NÚMERO DE FOLHAS DE LA MORTU	DATA DE ENTERRAMENTO	NOME DES DECEDES	PRÉNOMS	AGE	INDICATION		OBSERVATIONS		
							INDICATION DE LA SITUATION LOCALE DES SEPULCHRES	TEMPORAIRE	LOCA	NUM	
1661	740	1		Poulanc	Ant. Louis	19					
1662	741			Mason & Sessie	Jean Baptiste	49					
1663	742			Gaillard & Gratier	James	72					
1664	743			Canigon	marie de	18					
1665		2		Kichitel	marie Anne Marie		178	1181	cc. 22	Capit. 3 1/2 1/2 1/2 et 1/2	
1666	151			Coste & Saimé	marie Anne Marie	42	182	1182	p. 31 L. 5 1/2 1/2 1/2 et 1/2		
1667	152			Piel	L. A.	16	187	1187	p. 31 L. 5 1/2 1/2 1/2 et 1/2		
1668				Boudouard	Boudouard L. A.						
1669	153			Nivard	Henri Hippolyte	47	2				
1670	154			Desmaziere	James	71	2				
1671	155			Quavall	James Arthur James	67	1	2			

⁸ Ver em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k12658634/f19.image>



ROTEIRO HISTÓRICO ESPÍRITA EM PARIS

POR ERY LOPES⁹

Uma viagem pelos pontos históricos relacionados ao Espiritismo localizados na capital francesa, o berço da doutrina consoladora, em meados do século XIX.

Vídeo produzido em junho de 2017

Produção: Equipe Luz Espírita

Apresentação: Ery Lopes

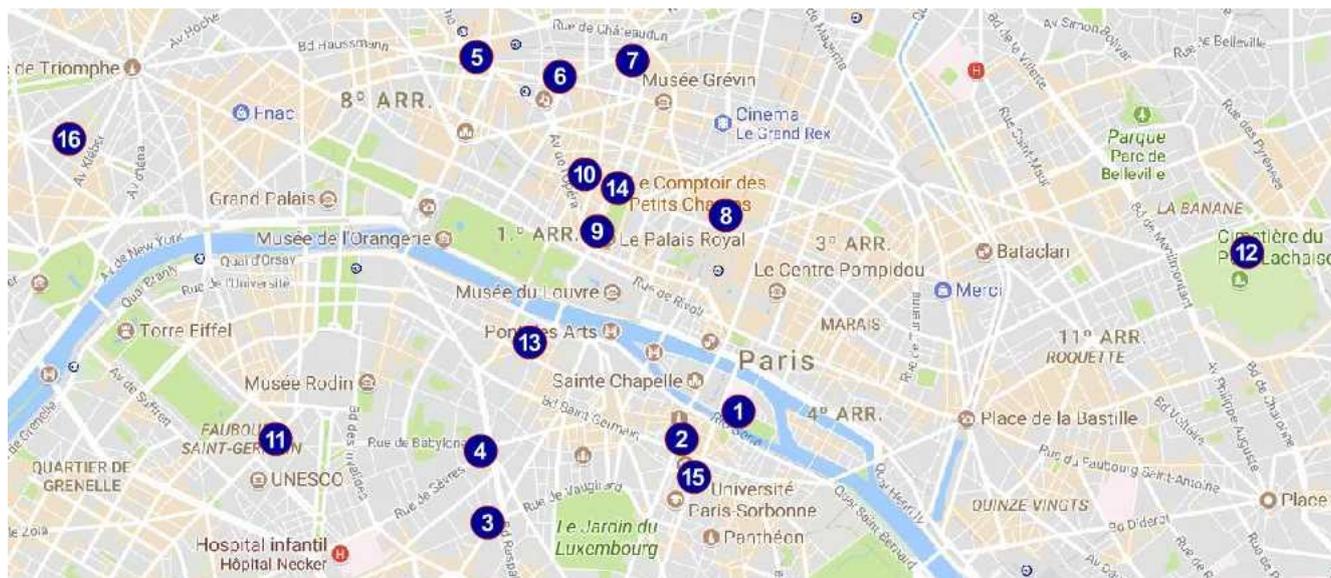
Trabalhos técnicos: Caroline Garcia Lopes.



<https://www.youtube.com/watch?v=YGPKVCM5GzY>

⁹ Fonte: Porta Luz Espírita <http://luzespirita.org.br/index.php?lisPage=rhep>.

Passo a passo do nosso roteiro, conforme o mapa adiante:



- 1) **Catedral de Notre Dame:** o coração da Cidade Luz, sede de tantos eventos históricos, é o ponto de partida do nosso roteiro, pois foi, certamente, um dos lugares de frequência comum de Allan Kardec, embora este, mesmo desde os tempos de mocidade, como o jovem Rivail, não fosse nenhum religioso ortodoxo.
- 2) **Rue de La Harpe, 117:** primeira morada do jovem Rivail em Paris, logo após seu retorno à França, em 1822, nos seus 18 anos de idade, depois de concluir seus estudos na famosa escola de Pestalozzi, em Yverdon-les-Bains, Suíça.
- 3) **Rue de Vaugirard, 65:** para onde o então professor Rivail se mudou, em 1828, e local onde escreveu começou a escrever seus livros didáticos, que logo mais fariam grande sucesso.
- 4) **Rue de Sèvres, 35:** local onde o Prof. Rivail instalou o seu próprio estabelecimento de ensino, o Instituto Técnico Rivail, que funcionou entre 1826 e 1840. Esse endereço também passou a ser sua residência, logo após seu casamento com Amélie-Gabrielle Boudet, em 6 de fevereiro de 1832. Neste local, o casal ainda ofereceu cursos gratuitos de letras e ciências

gerais para os menos favorecidos, em consonância com sua campanha em prol da democratização do ensino público.

- 5) **Rue des Martyrs:** por volta dos anos 1840, o casal Rivail se instala numa nova morada, ao norte de Paris, na Rue des Martyrs, 8, 2º andar. Foi enquanto morava aqui que Rivail tomou conhecimento dos extraordinários fenômenos das Mesas Girantes, que tomou conta de Paris e dos grandes centros urbanos da América e Europa nos anos 1850. Eis, portanto, o ponto de partida da nova fase daquele que iria dar corpo à Doutrina Espírita.
- 6) **Rue de La Grange-Batelière, 18:** onde em 1855, na casa da sonâmbula Sra. Plainemaison, o Prof. Rivail participou pela primeira vez de uma sessão de evocação espiritual, à qual adentrou todo descrente e dela saiu intrigado com o fenômeno, que doravante ele deliberou investigar com todo o rigor científico. Numa das sessões na casa da Sra. Plainemaison Rivail conheceu o casal Emile e Clementine Baudin, que também realizavam semanalmente sessões espirituais em sua residência, nosso próximo endereço.
- 7) **Rue de Rochechouart, N° 7:** nesse endereço, a família Baudin fazia evocações tendo como médiuns suas duas filhas, as jovens Caroline e Julie. O futuro codificador espírita participou destas assiduamente, aprofundando suas pesquisas psíquicas e construindo suas convicções acerca das revelações da espiritualidade, apesar de muitas vezes estas reuniões serem envoltas de trivialidades, como nas participações do brincalhão Espírito Zéfiro. Aqui, ele foi apresentado ao seu Espírito Protetor — o Espírito Verdade.
- 8) **Rue Tiquetone, 14:** no ano de 1856, o pioneiro espírita integrou as sessões neste endereço, que ele considerava mais

sérias, em que a médium principal era a Sra. Japhet. Aqui Kardec teve a revelação de sua missão de codificar o Espiritismo, começando com a publicação de *O Livro dos Espíritos*, que seria lançado no ano seguinte, conforme veremos no próximo ponto histórico de nosso roteiro..

- 9) **Palais-Royal:** Foi aqui, no Palais-Royal, ao lado do Museu do Louvre, o palco de lançamento da obra fundamental da Doutrina Espírita, o magnífico *O Livro dos Espíritos*, assinado por Allan Kardec, o pseudônimo adotado pelo Prof. Rivail para lidar com as suas tarefas no âmbito do Espiritismo. O lançamento se deu na sede da editora e livraria Dentu, localizada num dos salões da Galerie d'Orleans, dentro do complexo do Palais-Royal. Também neste palácio funcionou a primeira sede da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, o primeiro centro espírita do mundo, fundado em 1 de abril de 1858, pelo Codificador, com reuniões na sala 35 da Galerie de Valois, no primeiro ano, e depois transferidas para um espaço maior, num salão alugado no N° 12 da Galerie de Montpensier, ainda no complexo do Palais-Royal.
- 10) **Galerie d'Orleans, Palais-Royal:** local de lançamento de *O Livro dos Espíritos* de Allan Kardec.
- 11) **Rue y Passage Saint-Anne:** este é, podemos dizer, o mais importante ponto histórico espírita em Paris, onde encontramos no número 59 a passagem que dá acesso ao prédio onde o casal Kardec adquiriu um salão com o objetivo de sediar a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e o escritório da Revista Espírita, conforme se deu em 1 de abril de 1860. Em seguida, a fim de ficar mais próximo das atividades espíritas, o casal também acaba transferindo a sua morada, da Rue des Martyrs para cá. Este foi o local dos mais produtivos trabalhos

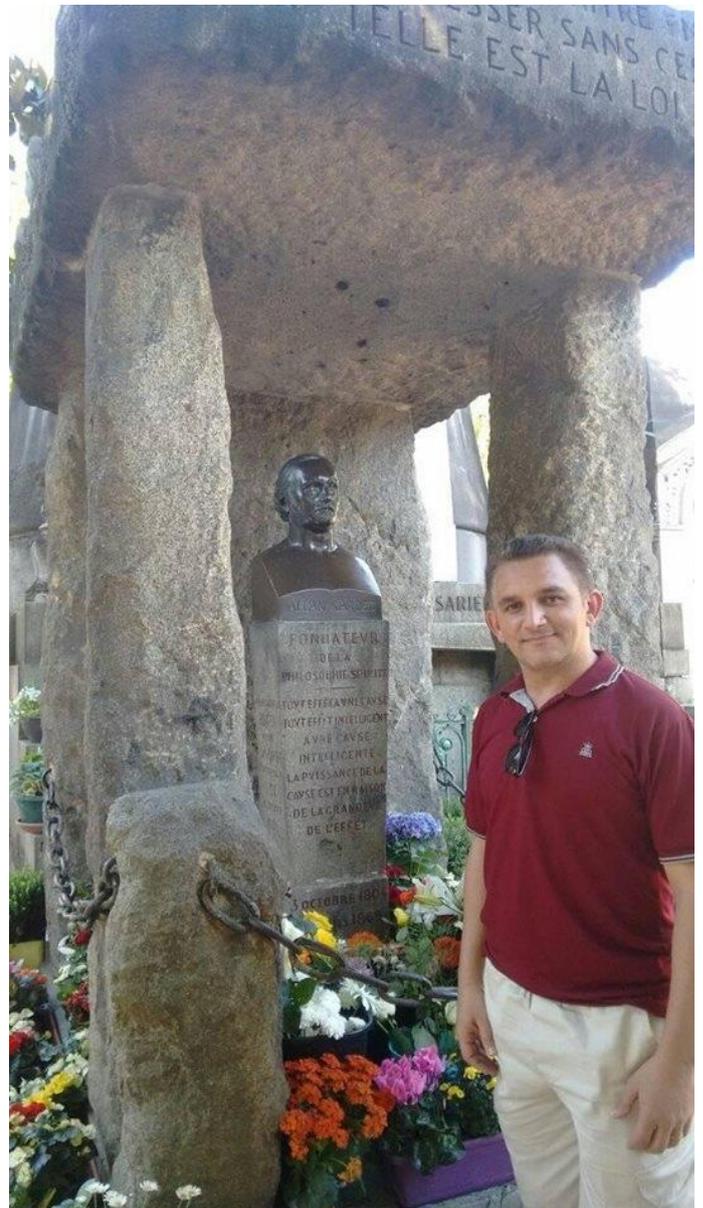
doutrinários do mestre espírita, até o seu último dia nesta reencarnação. Kardec aí faleceu, a 31 de março de 1869, em meio aos preparativos para a mudança da sede da **Revista Espírita**, que iria para a Rue de Lille, conforme veremos mais adiante.



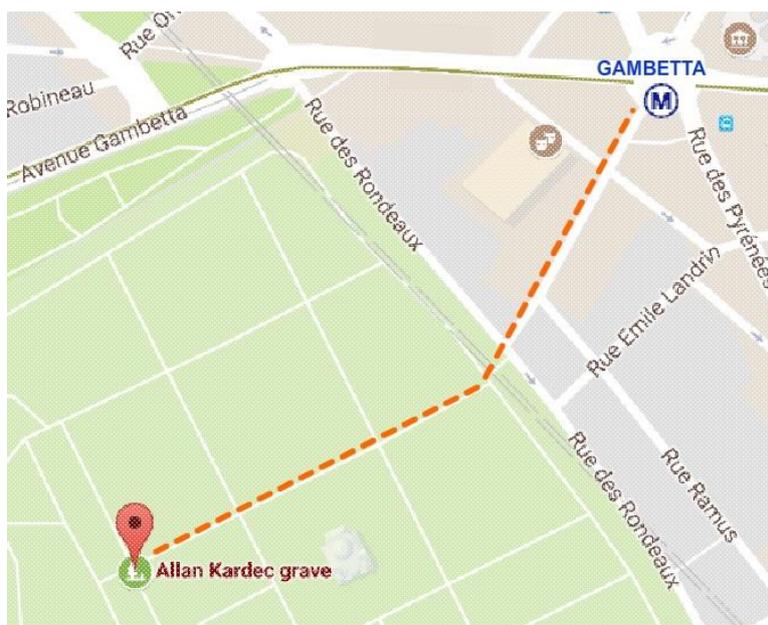
- 12) **Rua e Passagem Saint-Anne**, sede da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e uma das moradas de Allan Kardec em Paris.
- 13) **Villa de Ségur**: Amélie e Kardec haviam comprado nas imediações do N° 39 da Rue de Sègur um grande terreno com o propósito de ali levantar um complexo espírita, que deveria compor-se de diversos departamentos, como uma robusta biblioteca, um museu para a memória do Espiritismo, asilo para os confrades, consultórios médicos e uma residência particular para o casal Kardec, de onde poderiam administrar aquelas atividades. Como não deu tempo para o codificador, a viúva Kardec prosseguiu com a mudança e com muito zelo lançou-se a dar continuidade às obras de seu amado esposo.

14) **Cemitério do Père-Lachaise:** o sepultamento dos despojos mortais de Kardec ocorreu no cemitério de Montmatre. Deste evento, é célebre o discurso proferido pelo seu amigo e astrônomo Camille Flammarion, que definiu o mestre espírita como "O bom senso encarnado". Mas, por ocasião do primeiro aniversário do retorno do grande líder ao plano espiritual, a viúva Kardec encomendou a transferência do túmulo para o principal cemitério da cidade, o Père-Lachaise, onde foi erguido um dólmen no estilo druida, em clara referência a uma precedente reencarnação do codificador, quando havia sido um sacerdote druida, conforme revelação de um Espírito amigo. No centro do dólmen foi posto um busto do emérito codificador e no frontal superior uma inscrição em francês cuja tradução é a máxima "Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sem cessar. Tal é a lei". A evidência mais clara da grande visita que o túmulo recebe, em consideração pela inestimável obra Kardecista, se vê pela quantidade de flores que o local recebe diariamente.

Também neste túmulo foi enterrado o corpo de Madame Kardec, falecida em 21 de janeiro de 1883.



Dica para visitar o túmulo de Allan Kardec no Cemitério do Père-Lachaise: entrar pelo portão da Rue des Rondeaux, N° 59, 5 minutos à pé da estação do metrô Gambetta (linhas 3 e 3B) e, dentro do cemitério, seguir pela Avenue des Combattants Étrangers Morts pous la France por três travessas. O horário de visitação pública é das 8h às 18h.



Roteiro histórico espírita na França pós-Kardec:

Como se sabe, a viúva Kardec não mediu esforços para dar continuidade à obra kardecista, mas, de idade avançada, viu-se obrigada a delegar as tarefas práticas, começando pela edição da **Revista Espírita** e a gerência da **Livraria Espírita**. Seu principal mandatário foi o Sr. Pierre-Gaëtan Leymarie — que, por sua vez, não foi condizente com os propósitos espíritas. Leymarie enveredou-se por outras ideias — como o Roustainguismo e a Teosofia — aproximando as atribuições espíritas com o ocultismo, esoterismo e misticismo, em contrariedade aos desígnios do Espiritismo.

13) **Rue de Lille, N° 7:** para onde foi transferida a Livraria Espírita e sede da Revista Espírita. O passamento de Kardec

deu-se exatamente enquanto ele, na Galerie Saint-Anne, cuidava de encaixotar e despachar o material para este novo endereço.

14) **Rue Nueve-des-Petits-Champs, 5:** Em 1878, sob o comando de Leymarie, a Livraria e a sede da *Revista Espírita* mudaram-se para a Rua Nueve-des-Petits-Champs, 5, atrás do Palais-Royal. Neste mesmo endereço, Leymarie estabeleceu também o local inicial de reuniões da futura Sociedade Teosófica de Paris — da qual seria presidente honorário — e ainda sede da "estranha" Sociedade Científica de Estudos Psicológicos e seu Boletim do Órgão dos livres-pensadores religiosos e do Espiritualismo Moderno.

15) **Rue Saint-Jacques, 42:** onde ainda hoje se apresenta à vista de todos um dos espólios dos bens do casal Kardec apossados por Leymarie e seus herdeiros. Neste ponto, encontra-se a Livraria Leymarie, cujo acervo básico é formado por obras de ocultismo, magia e esoterismo. No andar superior, salas para consultas particulares.

16) **Rue Copernic, 8:** Nosso derradeiro ponto histórico em Paris é o número 8 da Rua Copernic, onde em 1923 foi fundada a Maison des Spirites, a Mansão dos Espíritas, pelo suíço e filantropo espírita Jean Meyer, numa tentativa de reerguer o Movimento Espírita francês, ao lado dos eméritos confrades Gabriel Delanne e Léon Denis.



Conheça melhor o Espiritismo pela
[Enciclopédia Espírita Online.](#)

CATALOGUE RAISONNÉ

DES

OUVRAGES POUVANT SERVIR A FONDER

UNE

BIBLIOTHÈQUE SPIRITE

I. — Ouvrages fondamentaux de la doctrine spirite, PAR ALLAN KARDEC.

Le Livre des Esprits (partie philosophique), contenant les principes de la doctrine spirite. — 1 vol. in-12. 16^e édit. ; 3 fr. 50 c.

Edition allemande : Vienne (Autriche). — Deux parties qui se vendent séparément : 3 fr. chacune, franco, 3 fr. 50 c.

Edition espagnole : Madrid, Barcelone, Paris. — Prix : 3 fr. 50 c.; franco, 4 fr.

Le Livre des Médiums (Partie expérimentale). Guide des médiums et des évocateurs, contenant la théorie de tous les genres de manifestations. — 1 vol. in-12. 11^e édit. : 3 fr. 50 c.

Edition espagnole : Madrid, Barcelone, Paris. — Prix : 3 fr. 50 c.; franco, 4 fr.

L'Évangile selon le Spiritisme (Partie morale), contenant l'explication des maximes morales du Christ, leur application et leur concordance avec le Spiritisme. — 1 vol. in-12. 4^e édition; 3 fr. 50 c.

Édition espagnole : Madrid, Barcelone, Paris. — Prix : 3 fr. 50 c.; franco, 4 fr.

Le Ciel et l'Enfer, ou la Justice divine selon le Spiritisme, contenant de nombreux exemples sur la situation des Esprits dans le monde spirituel et sur la terre. — 1 vol. in-12; 4^e édition; 3 fr. 50 c.

Edition espagnole. (Sous presse.)

La Genèse, les Miracles et les Prédications, selon le Spiritisme. — 1 vol. in-12. 4^e édition; 3 fr. 50 c.

Edition espagnole. (Sous presse.)

Reliure: 1 fr. par volume.

Qu'est-ce que le Spiritisme? Introduction à la connaissance du monde des Esprits. — 1 vol. in-12. 3^e édition; 4 fr.

Edition en langue polonaise.

Le Spiritisme à sa plus simple expression. — Broch. in-18 de 36 pages; 15 c.; vingt exemplaires, 2 fr.; par la poste, 2 fr. 60.

Editions en langues : allemande, anglaise, espagnole, portugaise, polonaise, italienne, russe, grecque moderne, croate, 30 c.

Résumé de la loi des phénomènes spirites. — Broch. in-18; 10 cent.; vingt exemplaires, 1 fr. 75 c.; par la poste, 2 fr. 10 c.

Caractères de la révélation spirite. — Broch. in-18; 15 c.; vingt exemplaires, 2 fr.; par la poste, 2 fr. 70 c.

Voyage spirite en 1862. — Broch. in-8; 4 fr.

REVUE SPIRITE

JOURNAL D'ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES

Fondé par M. ALLAN KARDEC,

Paraissant du 1^{er} au 5 de chaque mois, depuis le 1^{er} janvier 1858, par deux feuilles au moins grand in-8. — Prix : pour la France et l'Algérie, 10 fr. par an; Etranger, 12 fr.; pays d'outre-mer, 14 fr. — On ne s'abonne pas pour moins d'un an, à partir du 1^{er} janvier de chaque année.

On peut se procurer tous les numéros séparément depuis le commencement. — Prix de chaque numéro, 1 fr.

Collection de la Revue spirite depuis 1858. Chaque année forme un fort volume grand in-8 broché, avec titre spécial, table générale et couverture imprimée. — Prix de chaque année séparément, 7 fr.; la collection complète prise ensemble, 6 fr. le volume. L'année qui précède l'année courante, prise séparément, même prix que l'abonnement, 10 fr.

Reliure : 1 fr. 50 c. par volume.

Opérations et Conditions :

Le bureau d'abonnement et d'expédition de la *Revue spirite*, fondée par M. ALLAN KARDEC, est au siège de la *Librairie spirite*, rue de Lille, 7.

• Outre les ouvrages fondamentaux de la doctrine, et ceux qui sont portés au catalogue ci-après, la maison se charge, à titre de commission, de tous les achats de librairie et des abonnements à tous les journaux et revues.

La maison ne fait pas suivre en remboursements. A l'exception des correspondants qui ont un compte courant, les demandes devront être accompagnées de l'envoi du prix en espèces, mandats de poste ou valeurs sur Paris, à l'ordre de M. Bittard, gérant de la *Librairie spirite*, rue de Lille, 7, à Paris.

Aux termes de la loi (art. 100 du Code de commerce), les marchandises voyagent aux risques du destinataire, sauf son recours contre l'entrepreneur du transport.

En conséquence, la maison n'est pas responsable de la perte des articles dont l'expédition est régulièrement constatée par ses registres. Elle se charge néanmoins, à titre officieux, de faire des réclamations à qui de droit.

On ne reçoit que les lettres affranchies.

Les frais de port pour l'étranger étant soumis à des écarts, variables selon les pays, seront calculés d'après les tarifs internationaux.

II. — Ouvrages divers sur le Spiritisme

OU COMPLÉMENTAIRES DE LA DOCTRINE

NOTA. Les renvois à la *Revue spirite* indiquent les ouvrages dont il a été rendu compte.

Abrégé de la doctrine spirite, par FLORENT LOTH, d'Amiens.
— Broch. in-8; 1 fr. 25 c.; franco, 1 fr. 50 c. Amiens; principaux libraires.

Ce livre, destiné à répandre la doctrine dans les campagnes, est en partie extrait des ouvrages fondamentaux. (*Revue spirite* de février 1868, page 57.)

Accord de la foi et de la raison, dédié au clergé, par M. J. B.
— Broch. in-8, 1 fr. 50 c.; franco, 1 fr. 75. (*Revue spirite* d'avril 1865, p. 128.)

Clef de la vie. (Voy. MICHEL.)

Comment et pourquoi Je suis devenu spirite, par BOREAU, de Niort. — Broch. in-8, 2 fr., avec fac-simile; franco, 2 fr. 30 c. Paris, Didier; Niort, tous les libraires. (*Revue spirite* de décembre 1864, p. 393.)

Derniers Jours d'un philosophe (Les). — *Entretiens sur les sciences, sur la nature et sur l'âme*, par sir HUMPHRY DAVY, traduit de l'anglais et annoté par C. FLAMMARION. — 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c. Paris, Didier. (*Revue spirite* de juillet 1869, page 216.)

Dieu dans la nature, par C. FLAMMARION. — 1 vol. in-12, 4 fr. Paris, Didier et Cie. (*Revue spirite* de septembre 1867, p. 286.)

Dogmes (Les) **de l'Église du Christ**, expliqué par le Spiritisme, par DE BOLTINN; traduit du russe. — 1 vol. in-8, 4 fr.; franco, 4 fr. 50 c. Paris, Reinvald. (*Revue spirite* de décembre 1866, p. 380.)

Dozon (HENRI). *Révélation d'outre-tombe*. — 4 vol. in-12, 4 fr.; franco, 5 fr. 20 c.

Recueil d'instructions tendant à l'union du Catholicisme et du Spiritisme, empreintes d'un profond sentiment religieux et d'une haute moralité, avec de nombreuses prières dictées par les Esprits. (*Revue spirite*, janvier 1862, page 29.)

— *Leçons de Spiritisme aux enfants*. — Broch. in-12, 50 cent.; franco, 60 c.

— *Revue*, collection de quinze mois, du 15 janvier 1863 au 15 avril 1864, 5 fr.; franco, 6 fr.

Éducation maternelle (L'), *Conseils aux mères de famille*, par madame E. C., de Bordeaux. — Broch. in-8, 50 c. Bordeaux, Ferret. (*Revue spirite* de juillet 1864, p. 223.) Épuisé.

Entretiens familiers sur le Spiritisme, par madame E. C., de Bordeaux. — Broch. in-8, 2 fr.; franco, 2 fr. 25 c. Bordeaux, Ferret. (*Revue spirite* de septembre 1863, p. 288.)

Éternité dévoilée (L'), par H. DELAAGE. — 1 vol. in-12, 3 fr.; franco, 3 fr. 50 c. Paris, Dentu.

Études et séances spirites, par le docteur HOUAT. — 1 vol. in-12, 3 fr.; franco, 3 fr. 50 c. Paris, Dentu.

Cet ouvrage est le résultat d'instructions données sur l'homœopathie, dans une série de séances, pendant un an, par la typtologie.

Évangiles (Les quatre), *suivis des Commandements*, expliqués en esprit et en vérité par les Évangélistes, par ROUSTAING, avocat à Bordeaux. — 3 vol. in-12, 10 fr. 50 c.; franco, 11 fr. Paris, Aumont. (*Revue spirite*, juin et septembre 1866, p. 190 et 271.)

La théorie émise dans cet ouvrage sur la nature fluïdique du corps de Jésus, qui ne serait né et n'aurait souffert qu'en apparence, est celle des *Docètes* et des *Apollinaristes* des premiers

siècles de l'ère chrétienne. (Voir, sur cette théorie, a *Genèse selon le Spiritisme*, chapitre XV, numéros 64 à 68.)

Forces (Les) physiques inconnues, à propos des Davenport, par HERMÈS. — Broch. in-18, 1 fr.; franco, 1 fr. 20 c. Paris, Didier et Cie. (*Revue spirite* de mars 1866, p. 95.)

Instruction pratique pour l'organisation des groupes spirites, spécialement dans les campagnes, par M. C. . ., Paris, 1869. — *Librairie spirite*. 1 vol. in-12, 1 fr. (*Revue spirite* de juillet 1869, page 222.)

Jeanne d'Arc (Histoire de), dictée par elle-même à mademoiselle Ermance Dufan, âgée de 14 ans. — 1 vol. in-12, 3 fr.; franco, 3 fr. 30 c.

Lettres sur le Spiritisme, écrites à des ecclésiastiques, par M. J. B. — Broch. in-8, 50 c.; franco, 60 c. (*Revue spirite*, août 1864, page 252.)

Manifestations des Esprits, par PAUL AUGUEZ. — 1857. — 1 vol. in-12, 2 fr. 50 c.; franco, 2 fr. 75 c. (*Revue spirite*, Février 1858, p. 63.)

Michel (de Figagnères, Var). *La Clef de la vie*. — 2 vol. in-12, 7 fr.

Système étrange de cosmogonie et de théogonie universelles, dicté par M. Michel, en état d'extase. Ce livre, écrit au début des manifestations, coïncide, sur certains points, avec la doctrine spirite; mais sur le plus grand nombre, il est en contradiction avec les données de la science et l'enseignement général des Esprits. (Voir la *Genèse selon le Spiritisme*, chap. VIII, nos de 4 à 7.)

— *La vie universelle*, par le même. — 1 vol. in-8, 6 fr. (Epuisé.)

Mirville (de). *Des Esprits et de leur manifestations fluidiques*. — 1 vol. in-8, 7 fr.; franco, 7 fr. 50 c.

— *Manifestations historiques*. — 4 vol. in-8, 28 fr.; franco, 30 fr.

— *Manifestations thaumaturgiques et des miracles*. — 1 vol. in-8 et supplément, 9 fr. 50 c.; franco, 10 fr.

— *Questions des Esprits*. — 1/2 vol. in 8, 2 fr. 50 c.; franco, 2 fr. 75 c. Paris, Wattelier.

M. de Mirville a été l'un des premiers à affirmer et à prouver le fait de l'existence des Esprits et de leurs manifestations; son premier ouvrage, celui des *manifestations fluidiques*, a précédé le *Livre des Esprits*, et puissamment contribué à la propagation de l'idée en frayant la voie à la doctrine qui devait éclore plus tard. C'est donc à tort que certaines personnes considèrent l'auteur comme un antagoniste; il est opposé à la doctrine philosophique du Spiritisme, en ce sens que, conformément à l'opinion de l'Église catholique, il ne voit dans ces phénomènes que l'œuvre exclusive du démon. Cette conclusion à part, ses ouvrages, et le premier principalement, sont riches en faits spontanés très-instructifs, appuyés sur des preuves authentiques.

Pluralité des mondes habités, par C. FLAMMARION. — 1 vol.

in-12, 3 fr. 50 c. Paris, Didier et Cie. [(*Revue spirite*, janvier 1863, p. 29; septembre 1864, p. 288.)]

Pluralité des existences de l'âme, par PEZZANI, avocat. — 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c. Paris, Didier et Cie. (*Revue spirite*, janvier 1863, p. 25.)

Raison du Spiritisme (La), par MICHEL BONNAMY, juge d'instruction, membre du congrès scientifique de France, ancien membre du conseil général de Tarn-et-Garonne. — 1 vol. in-12, 3 fr. Paris, librairie internationale. (*Revue spirite*, novembre 1867, p. 344.)

Réalité (La) **des Esprits** et le phénomène merveilleux de l'Écriture directe, démontré, par le baron de GULDENSTUBBE. — 1 volume in-8 avec planches de fac-simile, 8 fr. Paris, Franck (Epuisé).

Recherches sur les causes de l'athéisme, en réponse à la brochure de Mgr Dupanloup, par une catholique. — Broch. in-8, 1 fr. 25 c.; franco, 1 fr. 40 c. Paris, Henri, Palais-Royal. (*Revue spirite*, juin 1867, p. 192.)

Révélation sur ma vie surnaturelle, par DUNGLAS HOME. — 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c. Paris, Didier. (*Revue spirite*, septembre 1863, p. 281.)

Révélations du monde des Esprits, par ROZE. — 3 vol. in-12, 6 fr. Paris, Didier.

Théories cosmogoniques et psychologiques notoirement contredites par la science et l'enseignement général des Esprits, et que la doctrine spirite ne peut admettre.

Spiritisme (Le) **dans la Bible**, Essai sur les idées psychologiques des anciens Hébreux, par H. STECKI. — 1 vol. in-12, 1 fr.; Paris, Librairie internationale.

L'auteur a recueilli et commenté les passages de la Bible, qui ont des rapports avec le Spiritisme. (*Revue spirite*, novembre 1868, page 350.)

Spiritisme (Le) **devant la raison**, conférence, par V. TOURNIER, ancien journaliste. — Br. in-18, 1 fr.; franco, 1 fr. 25 c. Carcassonne, Lajoux; Toulouse, Bompard. (*Revue spirite*, mars 1868, p. 94.)

Tables tournantes (Des), par AGÉNOR de GASPARI. 1854. (Epuisé.)

L'auteur a constaté la réalité des phénomènes, mais il cherchait à les expliquer sans le concours des Esprits.

La femme et la philosophie spirite, influence des croyances philosophiques sur la situation de la femme dans l'antiquité, au moyen âge et de nos jours, par H. V., 1 vol. in-12, 2 fr. 50.

Instruction pratique pour l'organisation des groupes spirites, par M. C., br. in-12, 1 fr.

Lettres aux paysans sur le Spiritisme, par MARC. BAPTISTE. 1 vol. in-12, 1 fr.

Le Spiritisme devant la raison. (LES DOCTRINES.) Par V. TOURNIER, ancien journaliste. Brochure in-18. Prix : 1 franc.

Discours prononcés pour l'anniversaire de la mort d'Allan Kardec. Inauguration du monument. Brochure in-12, avec vue du *dolmen*. Prix : 1 franc.

RÉDUCTIONS DU BUSTE D'ALLAN KARDEC

Buste de M. Allan Kardec :

Bronze de 30 centimètres de hauteur, 50 fr. (Emballage 2 fr.)

Bronze de 20 centimètres de hauteur, 30 fr. (Emballage 2 fr.)

Terre cuite de 23 centim. de hauteur, 10 fr. (Emballage 2 fr.)

Les frais de port sont à la charge de l'acheteur.

